

**Ana Daniele Mendes Carrera**



Universidade do Estado do Pará (UEPA)  
[daniuropa12@gmail.com](mailto:daniuropa12@gmail.com)

**Lucelia de Moraes Braga Bassalo**



Universidade do Estado do Pará (UEPA)  
[lbassalo@uol.com.br](mailto:lbassalo@uol.com.br)

**Submetido em:** 19/06/2022

**Aceito em:** 24/08/2022

**Publicado em:** 31/08/2022

 [10.28998/2175-6600.2022v14n35p549-565](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14n35p549-565)



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional

# **EU SOU FEMINISTA: NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIAS**

## **RESUMO**

Este artigo apresenta os resultados de uma investigação sobre como jovens estudantes universitárias reconheceram-se como feministas. A partir de suas narrativas intenciona reconstruir o sentido que orienta suas ações enquanto jovens e feministas. O estudo parte dos conceitos de geração e reconhecimento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que se vale dos pressupostos da fenomenologia social, da entrevista narrativa e do método documentário. Dos resultados, emergiram sentidos e significados que compuseram o modelo de orientação denominado "Educação de mulheres" resultante das experiências vividas e compartilhadas que promoveram seu reconhecimento como mulher, jovem e feminista.

**Palavras-chave:** Narrativas. Feminismo. Método Documentário.

## **I AM A FEMINIST: NARRATIVES OF YOUNG COLLEGE STUDENTS**

## **ABSTRACT**

This article presents the results of an investigation on how young college students recognized themselves as feminists. From their narratives it intends to reconstruct the meaning that guides their actions as young people and feminists. The study is based on the concepts of generation and recognition. This is a qualitative research that uses the assumptions of social phenomenology, narrative interview and the documentary method. From the results, senses and meanings emerged that composed the orientation model called "Women's Education" resulting from the lived and shared experiences that promoted their recognition as women, young people, and feminists.

**Keywords:** Narratives. Feminism. Documentary method.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que se voltou para a reconstrução dos sentidos e significados presentes nas trajetórias biográficas de estudantes de licenciatura dos cursos de Pedagogia, Letras e Ciências Sociais, de universidades públicas do Estado do Pará, jovens mulheres, integrantes e atuantes nos movimentos feministas dentro e fora das universidades. A investigação voltou-se para o entendimento sobre o modo como as jovens estudantes universitárias reconheceram-se como feministas, com a intenção de, a partir de suas narrativas, reconstruir o sentido que orienta suas ações como feministas.

A compreensão de que o feminismo adentra os espaços acadêmicos, segundo Pedro (2005), ocorre desde os anos de 1970 quando a universidade foi possivelmente identificada como lugar de resistência ao governo militar ou como ocupação legítima de esferas do governo quando se deu a redemocratização do país, consubstanciou o interesse de compreender experiências e visões de mundo de estudantes de licenciatura que se identificam como feministas na contemporaneidade no estado do Pará.

O estudo considerou, a partir da perspectiva geracional (MANNHEIM, 1993), que as jovens feministas compõem uma mesma conexão geracional e compartilham do mesmo espaço de experiências conjuntivas, ou seja, vivenciam em suas experiências problemas históricos e sociais comuns. Contudo, assim como assegura Margulis e Urresti (2000), a juventude não é um grupo homogêneo, não é um signo, não é uma palavra, ela tem uma existência material, está inscrita em uma cultura, de modo que a afeta e é afetada por ela.

As estudantes universitárias paraenses evidenciam demandas iguais ou posicionamentos particulares em relação ao movimento feminista. Elas têm reconhecido e denunciado casos de violências cometidas contra as mulheres nas próprias instituições em que estudam, cometidos por professores, alunos e funcionários, atuando fortemente tanto em dar visibilidade as situações (por diversos meios físicos e em ambientes online) quanto em cobrar ações que assegurem seus direitos como mulheres e universitárias. Como grupo geracional, lidam com a “não contemporaneidade dos contemporâneos” (MANNHEIM, 1993), ou seja, vivem com outros da sua idade e de idades diferentes, de tal modo que há continuidades (herança cultural) e rupturas (novos significados) entre as gerações.

Este trabalho se insere no campo da investigação qualitativa reconstrutiva (BOHNSACK, 2020), por intencionar reconstruir teoricamente os significados atóricos da

experiência. Valendo-se dos pressupostos da fenomenologia social (SCHÜTZ, 1979), que valoriza o sentido do vivido, lançou mão da entrevista narrativa (SCHUTZE, 2013) para reunir percepções e posicionamentos das colaboradoras e, como procedimento para análise das visões de mundo e compreensão das ações foi utilizado o método documentário (BOHNSACK; WELLER, 2013) que proporcionou a reconstrução dos sentidos e significados presentes nas narrativas das estudantes a partir da reflexão das suas práticas cotidianas.

Os resultados possibilitaram o delineamento do modelo de orientação coletiva, denominado *Educação de mulheres*, que reúne os sentidos e significados em torno do reconhecimento em ser mulher, jovem e feminista.

## 2 RECONHECIMENTO COMO REIVINDICAÇÃO

As jovens mulheres se integram na militância feminista adulto considerando variadas formas de participação, a partir de uma apropriação que gira em torno do seu reconhecimento enquanto mulher e de seu grupo geracional. Considera-se que a atuação das jovens com os mecanismos próprios de sua geração, são indícios de renovação no movimento feminista. A atuação dessa nova geração de feministas alia-se a posição de contestar as regras ou os papéis supostos historicamente para as mulheres. E é, no centro do processo de conquista e identificação dos direitos das mulheres, que situamos o processo de reconhecimento feminista por meio da compreensão do feminismo como um movimento político e teórico que questiona o sistema patriarcal, as relações de poder e a dominação masculina construída historicamente.

Se reconhecer enquanto jovem e feminista é demarcar um posicionamento crítico de si e do mundo, da identidade cultural de um grupo a partir dos marcadores de opressão em que estão imersos. Por isso, partimos da seguinte reflexão: qual a importância de se reconhecer jovem e feminista? Buscar o reconhecimento através de distintas perspectivas envolve assumir uma posição política e social baseada nas demandas das diferenças de um modelo hegemônico que invisibiliza quem se diferencia e por isso recebe posições desiguais na sociedade, como as mulheres, negras/os, jovens, pobres, homossexuais entre outros que se reconhecem a partir das suas diferenças e lutam pela equidade de direitos enquanto grupo social.

É importante ressaltar que o conceito de reconhecimento diz respeito a uma articulação “da essência da subjetividade humana, uma vez que a formação da autoconsciência depende do reconhecimento” (SPINELLI, 2016, p. 206) e possibilita a

compreensão da posição política e social, das diferenças, das desigualdades invisibilizadas pelas categorias universais. Pode-se dizer que, pelo reconhecimento pode-se explicar conflitos sociais e a condição de ser jovem e mulher na sociedade.

A partir disso, compreendemos o conceito de reconhecimento na perspectiva de Nancy Fraser (2007) que propõe a sua contribuição na reconstrução do pensamento crítico por romper com o modelo padrão de uma concepção não identitária e direciona para a posição, o status social que exige o reconhecimento a partir da condição de membro de um grupo na interação social. Tem em vista assim, superar a subordinação dos sujeitos, incluindo-os como partícipes da vida social, com a mesma condição dos outros. Devemos ressaltar que Fraser (2006) alerta que a luta por reconhecimento não está dissociada da luta pela superação das desigualdades da existência material das pessoas e que deve atender as demandas pela igualdade em todos os setores da vida.

Em condições desiguais de gênero, Fraser (2007b) ressalta que a justiça de gênero exige reconhecimento, redistribuição e também representação, que inclui garantir voz por exemplo, para mulheres. As jovens feministas têm marcado posição visual nos muros das instituições. Frases como "Eu não preciso me dar ao respeito, ele já é meu por direito", "Cantada é assédio, assédio é agressão", "o espaço é público, mas o corpo da mulher não", "Respeita as minas" entre outras parecem expor a percepção crítica das estudantes que não aceitam mais a subordinação.

Neste sentido, compreender o reconhecimento "como uma questão de *status* significa examinar os padrões institucionalizados de valoração cultural em função de seus efeitos sobre a posição relativa dos atores sociais" (FRASER, 2007, p. 108). Constituindo os atores sociais através dos padrões institucionalizados como capazes de participar igualmente das tomadas de decisões da sociedade, pode-se falar de um reconhecimento recíproco e até em uma igualdade de status, segundo a autora.

Contudo, quando ao contrário o reconhecimento do sujeito não acontece, este pode ser inferiorizado, excluído ou invisibilizado. O não reconhecimento então "aparece quando as instituições estruturam a interação de acordo com normas culturais que impedem a paridade de participação" (FRASER, 2007, p. 108), já que as normas se referem a padrões regulados por um modelo de valoração cultural normativo que recusa a participação àqueles/as que não se ajustam a elas. Assim, são excluídos e/ou invisibilizados da dinâmica social, quem não corresponde aos modelos tradicionais, como as famílias monoparentais, famílias homoafetivas. Esta é uma dinâmica que nega direitos, e o exercício a participação social como iguais, pelo entendimento que por serem

diferentes, por não atenderem certo modelo, não tem os mesmos direitos que os outros membros da sociedade.

Sendo assim, não ser reconhecido significa estar em uma relação de subordinação que se origina nos padrões institucionalizados que dividem a sociedade em correto/incorreto, normal/perigoso, promovendo uma relação assimétrica entre os atores sociais, inferiorizando-os.

Entre os elementos que tem demarcado essa nova geração de feministas é a forma com que a comunicação tem se estabelecido, por meio de novas linguagens mais acessíveis e menos burocratizadas, que facilita o entendimento entre as jovens. Uma dessas ferramentas é a internet, onde as informações circulam de forma rápida por meio de textos, vídeos e fotos, com linguagem leve e muitas vezes com estilo humorístico, facilitando a comunicação e a construção do conhecimento. Essa "capacidade de renovação do feminismo e sua continuidade estão diretamente relacionadas a um exercício de atualização das linguagens" (GONÇALVES et al., 2013, p. 14) que, acrescentamos favorece o reconhecimento.

Pode-se dizer que, a reivindicação do reconhecimento pode explicar os conflitos sociais e as concepções sobre a condição de ser jovem e mulher na sociedade. Neste caso considerou-se como força impulsionadora a luta sobre as relações de gênero, que possui um caráter emancipatório. Assim, promover a noção de reconhecimento é ampliar a participação igual dos sujeitos na vida social que segundo Fraser (2007) pode ser orientada por dois paradigmas, o da redistribuição de recursos materiais garantindo a independência e voz ativa dos sujeitos e o da intersubjetividade garantindo o respeito de todos e todas para que alcancem valorização social sob condições justas de igualdade de oportunidades.

Sendo assim, Fraser (2007, p. 115), em suas observações, constata que essas condições "não são asseguradas quando, por exemplo, padrões institucionalizados de valoração cultural depreciam, de modo difundido, o feminino, o 'não branco', a homossexualidade e tudo o que é culturalmente a eles associado", ou seja, quando as mulheres são negras e/ou bissexuais, enfrentam obstáculos na conquista da valorização social que não são vividos por outros sujeitos que atendem o padrão de valoração cultural. Nesse caso, o obstáculo passa a ser maior quando não cultivam características que são culturalmente identificadas como "femininas" e "heterossexuais".

Reivindicar reconhecimento de acordo com a autora significa uma contestação política e um novo entendimento de justiça social que reconhece as diferenças e os marcadores de opressão e, a partir de uma perspectiva feminista, implica em mostrar que

não há uma condição participativa igual entre as mulheres e os homens e, como entendemos, até mesmo entre jovens e adultos.

Nessa perspectiva, entende-se que as jovens feministas possuem pautas diferenciadas das adultas e demarcar isso é compreender a relevância de (re) conhecer essas demandas e levá-las para a construção de políticas públicas que possam partir das suas experiências e visão de mundo enquanto jovens e mulheres que fazem parte de uma sociedade com padrões instituídos e se reconhecem por meio da tomada de consciência sobre quem são e o que querem em nível político e social.

Se identificar com o feminismo e se reconhecer como jovem e feminista, é se posicionar de forma social e política, compreendendo as relações de opressão e modificar a visão enquanto mulher em uma sociedade marcada por preconceitos de raça, gênero, sexo, classe social, orientação da sexualidade e identidade de gênero, assim como quaisquer outras que se diferenciem da norma androcêntrica, heterossexual, branca e cristã.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Uma investigação acerca dos sentidos e significados que perpassam o reconhecimento de estudantes universitárias enquanto jovens e feministas, exigiu uma abordagem de pesquisa que valoriza os sujeitos e as suas experiências por meio dos significados que elas atribuem e que possam priorizar as suas visões de mundo, tanto na técnica de reunião de dados quanto na análise.

Como uma investigação qualitativa reconstrutiva (BOHNSACK, 2020) a pesquisa buscou compreender os significados atribuídos pelas estudantes, conhecendo também o contexto em que estão inseridas. Tomando como referência a fenomenologia social (SCHÜTZ, 1979), nos ativemos a descrição das experiências das estudantes universitárias que passou a ser mais importante que as teorizações abstratas, recuperando o sentido original que as participantes dão ao mundo e possibilitou compreender o mundo do senso comum das participantes e as relações sociais que são estabelecidas no mundo da vida que surgiram nas descrições das experiências vividas nas falas das jovens, pois “compreender o mundo do senso comum é compreender a ação social [...] projetada pelo ator de forma autoconsciente” (WELLER; ZARDO, 2013, p. 133).

Assim, como auxiliar na apreensão dos sentidos que emanam das biografias das universitárias a entrevista narrativa (SCHÜTZE, 2013) nos apresentou além das experiências individuais, estruturas da vida social com elementos históricos e culturais que as levaram a se reconhecerem como jovens e se constituírem como feministas, suas ações e interferências na sociedade e na visão de mundo, os quais aparecem na narração.

Para iniciar a análise foi necessário realizar a transcrição das entrevistas, etapa do método documentário (BOHNSACK; WELLER, 2013), que dispõe de uma codificação dos elementos não verbais da fala e proporcionou a reconstrução dos sentidos das narrativas das estudantes a partir da reflexão das suas práticas cotidianas. A interpretação (que resulta da aplicação das etapas do método documentário) das experiências de jovens estudantes instigou-nos a repensar o processo de reconhecimento e as visões de mundo que as cercam enquanto mulheres, jovens e feministas, passando a reconstruir o sentido de suas ações no contexto social em que estão inseridas.

A identificação das portadoras das biografias que viriam a colaborar com a pesquisa, foi realizada a partir de um mapeamento, nas universidades públicas do estado do Pará, de grupos feminista. Foram identificados quatro campi, de duas universidades públicas com grupos feministas ativos e com ações frequentes dentro e fora das instituições. Dois deles na capital e dois em outros municípios do estado. Em seguida as lideranças foram contactadas e foi enviado um e-mail com um roteiro solicitando informações sobre o modo como o grupo havia sido criado, sua organização, características e funcionamento.

Na "Universidade A" no campus localizado na capital, em Belém, encontramos o grupo feminista intitulado "Juntas!" que conta com a participação de 50 mulheres. Existe desde 2011 e tem se renovado constantemente, com a participação ativa de 15 mulheres, sendo adolescentes e jovens, na maioria estudantes de licenciatura. Uma das pautas é a criação de uma creche universitária, pois a criação da creche universitária ajudaria a diminuir o número de evasões de estudantes com filhos, conseqüentemente auxiliaria na permanência dessas mulheres no ensino superior.

Na mesma universidade no campus situado a 75Km da capital, organizou-se o movimento feminista "Zo'é" que iniciou as suas atividades em 2016, realizando reuniões com a participação de mulheres diversas em momentos de estudo e ação política, compartilhando suas vivências individuais de forma plural e heterogênea. Tem como objetivo o compartilhamento de uma luta em comum e a troca de experiências para o enfrentamento cotidiano do machismo, racismo, patriarcado e todas as formas de

intolerância. Contudo, as integrantes fixas são alunas de vários cursos da universidade, professoras da instituição e também professoras da educação básica.

Na "Universidade B", no campus da capital do estado, localiza-se o movimento feminista "Mulheres UEPA - Belém" iniciado em março de 2016 após evento em alusão ao dia internacional da mulher que foi construído por várias acadêmicas, estudantes em sua maioria das licenciaturas, com o intuito de conhecer os desafios das estudantes dentro da universidade. Após o evento as acadêmicas decidiram continuar os encontros para fortalecer o debate em torno das temáticas que envolviam as mulheres. O grupo é formado por mulheres brancas, negras e de classe social diferenciada, estudantes de licenciatura. Algumas fazem parte de movimentos fora da universidade unindo a militância acadêmica e social. A sua principal pauta tem sido a segurança dentro do campus, devido aos inúmeros incidentes de violência, como casos de assédios e estupros que ocorreram desde 2016.

Também nessa universidade, no campus situado a 148 km da capital, organizou-se o movimento "Mulheres UEPA - SMG" em 2015. O grupo conta com a participação de 62 (sessenta e duas) mulheres, sendo alunas e ex-alunas. O movimento luta pelo fim da hierarquia de gênero que ocorre, inclusive nos ambientes acadêmicos, e tem como objetivo desconstruir e reconstruir valores impostos na própria academia, tanto às mulheres, como aos homens. Busca levar debates sobre essa desigualdade, na área educacional com a intenção de formar para saber lidar com situações de opressão no âmbito escolar.

A aproximação com o grupo se deu a partir de participação em eventos promovidos na universidade ou na comunidade e, dessa aproximação emergiram as colaboradoras. Na ausência deles foram entrevistadas as lideranças. Foi observado como critério ser participante do grupo feminista, estar cursando licenciatura da universidade onde o grupo estava baseado e, ser jovem, estar na faixa etária entre 15 e 29 anos<sup>1</sup>. Por fim foi realizado o convite e obtida a participação voluntária, orientada pela apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Colaboraram com a investigação, sete estudantes universitárias de quatro universidades públicas do estado do Pará, dos cursos de Pedagogia, Letras e Ciências Sociais. Foram usados pseudônimos como forma de manter o anonimato em torno de suas identidades, sendo estes relacionados a mulheres que estiveram à frente de seu

---

<sup>1</sup> Como auxiliar na definição deste critério foi considerada a faixa etária determinada pelo Estatuto da Juventude, Lei No. 12.852, de 05 de agosto de 2013.



tempo e foram reconhecidas pelo movimento feminista. São elas Pagu, Clarice, Eneida, Bertha, Dandara, Maria, Leila.

## 4 ENTRE RECUSAS, INQUIETAÇÕES E RESISTÊNCIAS

As estudantes relataram seu processo de reconhecimento como jovens e feministas, por meio das experiências que foram construindo durante sua trajetória biográfica. Em relação às vivências enquanto jovem e mulher, Pagu destaca:

É:: a juventude (.) é a gente tenta fugir daquele estigma (.) daquele negócio de ser mulher (.) tem que casar (.) tem que ter suas coisas e como a gente tá nessa discussão, ser mulher jovem ainda é muito difícil, então a gente ainda tem muitas obrigações digamos assim né e (2) eu vivo isso. Eu sou uma mulher jovem, sou feminista e tô na universidade e só queria me formar que não queria casar que não queria ter nada disso e depois fui (2) num encontro assim (.) na verdade um desencontro comigo mesma. Hoje eu namoro um homem e via assim que ainda é algo muito difícil ser essa jovem que ainda pensa em mudar muita coisa (.) participar de muita coisa (.) mas já tem ali uma questão da família puxando “olha tu tem que ter uma família” (.) “tu tá ficando mais velha” e eu só tenho vinte e dois anos e “tu já tá ficando mais velha quando é que tu vai ter um filho” (.) “tá na hora de ter um filho” e eu não me vejo tendo filhos e até dentro da academia e até mesmo dentro dos movimentos feministas tem mulheres que falam, “como assim tu não quer ter filho é um absurdo isso tu não querer ter filho”, “como tu vai viver sem um filho?” (.) Então a juventude carrega tudo isso (.) “tu vai ficar mais velha” (.) “tu não vai ter um filho” (.) “tu não vai ter quem cuide de ti” (.) “tu tá focando muito nas coisas de ter sucesso de ter tuas coisas ter teus títulos de se formar e não tá focando na tua família”. Então ainda tá muito nesse negócio de que a mulher é obrigada a ter família e filho.

Ao refletir sobre sua trajetória Pagu se remete ao papel social atribuído a uma mulher jovem, como: “casar”, “ter filhos” e “ter uma família”, evidenciando uma dinâmica de transmissão geracional formada por saberes construídos socialmente pelo patriarcado, em suas palavras “daquele negócio de ser mulher”, de como uma mulher jovem deve ser, dos modelos que devem seguir e que entram em conflito com sua visão pessoal representado na frase “a gente tenta fugir daquele estigma”.

Pagu evidencia as cobranças sociais que perpassam a condição das mulheres jovens nos dias atuais, como “olha tu tem que ter uma família” e “tá na hora de ter filho”. Essas frases refletem a visão de que estudar e ter uma carreira profissional é menos relevante do que a formação de uma família. Ela ressalta que essa compreensão está presente “até mesmo dentro dos movimentos feministas” revelando o estranhamento causa sua recusa a maternidade como destino da mulher, no campo que supõe deveria acolher sua posição.

Com as frases “a juventude carrega tudo isso” e “a mulher é obrigada a ter família e filho” a estudante revela o peso da visão patriarcal de ser mulher e mesmo sendo jovem

ter que arcar com cobranças sociais. A palavra “carregar” remete a algo pesado e o termo “obrigada” revela imposição, dando a ideia de pressão, de atribuição de uma dimensão à juventude e a jovem, que assim com ela indica, pode não corresponder ao que a mulher jovem intenciona para si.

Dandara percebe a juventude sobre outra perspectiva

eu tava lendo um tempo atrás um texto sobre juventude né (.); eu participo de um grupo de estudos que é sobre crianças e adolescentes e também sobre juventude e (.) a sociedade em si ela não espera muito do jovem né (.) ou espera pouco ou espera que ele seja de fato aquele que tá em transição que não tem ainda uma identidade formada que tá nessa construção e tudo mais e eu percebo que a juventude ela tá bem melhor eu acredito em alguns aspectos (.) no sentido de perceber algumas situações, por exemplo em relação ao machismo; eu já vi (.) vejo muitas manas assim bem jovens ir compreendendo tendo essa visão do machismo dessas opressões (.) do próprio feminismo (.) dessas discussões que é uma coisa que eu não tive assim na adolescência por exemplo eu não tive (.) mas ao mesmo tempo é bem difícil porque tu também vê jovens apoiando o Bolsonaro @por exemplo e é muito triste@, muito triste tu vê essa juventude conservadora as vezes mais conservadoras que os pais as vezes.

Dandara com a afirmativa “a juventude está bem melhor” mostra a percepção de que as jovens mulheres têm mais acesso a compreensão de temas como o machismo e feminismo. Destaca que apesar disso a sociedade tende a desvalorizar o jovem como sujeito histórico considerando-o como alguém em “transição” que tem pouco a contribuir por ainda estar em processo de desenvolvimento.

Entretanto ao se referir a uma “juventude conservadora” mostra que reconhece a ascensão de movimentos juvenis que apoiam valores que não correspondem a sua condição juvenil, representados na frase “mais conservadoras que os pais as vezes”.

Nesta direção Pagu reflete sobre o que significa ser feminista:

o feminismo está presente em algumas coisas durante a nossa vida (.) só que por a gente tá em uma sociedade tão=tão machista que a gente não consegue perceber algumas atitudes e reconhecê-las como atitudes feministas (.) então na minha casa é maioria mulher e elas são feministas (.) têm atitudes feministas (.) mas não se consideram [...] enquanto eu puder ser essa feminista que fala pra essas outras mulheres que ainda não se reconhecem feministas e que ainda não sabem o que é o feminismo (.) o quanto ele é necessário (.) eu vou tá sempre na luta e vou ter sempre coragem de dizer que eu sou feminista.

Ela ressalta que o feminismo está presente no cotidiano, mas não é reconhecido como tal. Ela identifica em sua família “atitudes feministas” embora as mulheres com as quais convive não se autodenominem como feministas. Pagu frisa com a frase “enquanto eu puder ser essa feminista que fala pra essas outras mulheres” mostra que além de se reconhecer como feminista, identifica uma dimensão educativa, na medida em que toma pra si a tarefa de anunciar e esclarecer o que seria o feminismo para mulheres que desconhecem o feminismo ou não se reconhecem como feministas. Essa não é uma

atividade simples. Ela a classifica como uma “luta”, um enfrentamento contra a falta de conhecimento, contra a falta de reconhecimento de seus direitos, de seu lugar diferente do que prescrevem as relações de opressão de gênero.

Com a frase “vou ter sempre coragem de dizer que eu sou feminista” mostra o desafio que é ser ou dizer-se feminista. No momento da investigação ascendia no país um discurso conservador que colocava em xeque as conquistas das mulheres e os avanços alcançados pela atuação do movimento feminista. Um retrocesso.

Clarice compartilha do entendimento de Pagu e acrescenta outro elemento em sua narrativa.

Têm mulheres que não gostam de se chamar de feministas, porque elas acham que é tipo um movimento muito radical digamos assim; apesar de ter uma vertente que é radical e não tem nada a ver com ser agressivo e tudo mais, mas tipo eu nunca tive problema com isso de eu conhecer o feminismo a primeira coisa que eu fiz foi me identificar feminista então pra mim foi algo que abriu muito os meus olhos, como eu disse a gente acaba enxergando coisas que a gente visualizava antes e via como normal e hoje em dia não, então pra mim me descobrir feminista foi uma das melhores coisas que eu aprendi aqui na universidade.

A frase que dá início a narrativa de Pagu, “têm mulheres que não gostam de se chamar de feministas” seguida da explicação de que estas seriam muito radicais, sugere que circula uma reflexão que põem em lugares opostos padrões de feminilidade e as críticas do movimento feminista ao sexismo e a defesa dos direitos das mulheres, embora a estudante faça referência ao feminismo radical.

Ela demarca sua posição na frase “eu nunca tive problema com isso”, para se referir ao fato de se reconhecer como feminista. Considera que ter entrado em contato com o feminismo mudou sua compreensão. Nas frases “abriu muito os meus olhos” e “via como normal e hoje em dia não” demonstra a importância e o papel do feminismo na compreensão de situações misóginas ou machistas que de tão frequentemente vivenciadas pelas mulheres são tomadas como banais.

Chama atenção a frase “me descobrir feminista foi uma das melhores coisas que eu aprendi aqui na universidade”. Podemos dizer que a importância do feminismo para esta colaboradora, alcançou um nível de importância tal que a leva a identificar, entre todos os conhecimentos a que teve acesso na universidade, como algo distinto.

Nesta mesma direção a jovem estudante Eneida afirma que

quando a gente se entende como feminista (.) a gente usa um óculos que (.) ele é irremovível que (.) a gente nunca mais consegue tirar o óculos (.) porque a gente só enxerga sobre essa perspectiva feminista.

Assim como Pagu a mudança de olhar é destacada por Eneida. Algo para ela tão impactante que mudou definitivamente seu modo de compreender o mundo representado na palavra “irremovível”. O que leva a suposição de que como instrumento de entendimento da realidade o feminismo conduz as mulheres a uma leitura crítica sobre o modo como vivem na sociedade.

Com a estudante Bertha pode-se ver outra dimensão dos efeitos do feminismo na trajetória de jovens mulheres.

eu digo que o feminismo me libertou (.) porque:: parece que eu tava presa nas correntes do patriarcado sabe e eu não ia sair de lá (2) se dependesse de homens da=da mulher tradicional eu não ia sair (.) o que me fez sair foi (.) a internet foi o meio que eu entrei (.) foi minhas professoras foi o movimento estudantil (.) foi o movimento feminista (.) foi o movimento de rua da xxxxxx<sup>2</sup>; laí (.) eu percebia que tinha condições, nós mulheres condições de estar a frente e é ali que eu vou ficar entendeu aonde eu estiver eu vou tá a frente das minhas coisas (.) iaí o feminismo pra mim é libertação (.) libertação da mulher perante a sociedade patriarcal (.) porque a partir do momento que ela se entende como feminista ou se entende enquanto=quanto mulher ela percebe todas=todas as opressões que ela sofre e todos os tipos possíveis de violência que ela sofre e ela percebe que resistir nessa sociedade é uma luta diária [...] com o feminismo eu floresci @ (2) @; é (.) minha liberdade (.) minha liberdade de me vestir como quiser (.) liberdade de ser quem eu quero e de amar quem eu quiser também entendeu.

Com a frase que abre sua reflexão “o feminismo me libertou” a estudante Bertha compartilha a percepção de que o feminismo mudou sua vida, por oportunizar o reconhecimento das opressões de gênero a que estava submetida e o reconhecimento que opor-se ao sexismo, ao machismo é uma “luta diária”. A ideia de liberdade é muito forte em sua narrativa e tem a conotação de emancipação, de autonomia, de crítica a sujeição da mulher. A frase “com o feminismo eu floresci” dita com elevação do tom de voz e seguida da noção de liberdade sobre as escolhas que lhe afetam, indicam o rompimento como um modo de ser que atendia a prerrogativas que ela passa a questionar quando entra em contato com o pensamento feminista.

A compreensão de que ser feminista é estar diante de uma contenda é também apontada por Dandara:

Significa muita luta (2) diária assim, não é glamour e nem status é um negócio que a gente leva muita pedrada né às vezes até dentro de casa mesmo mas principalmente lutar pelas mulheres (.) pela vida das mulheres e pela minha própria vida enquanto mulher

A universitária inicia dizendo que ser feminista não tem beleza ou lugar destacado. Antes disso é, sobretudo, a defesa da vida. A frase “a gente leva muita pedrada” mostra as dificuldades em torno da defesa dos direitos da mulher. Se intitular feminista e se

---

<sup>2</sup> Cita o nome de um bairro

posicionar como feminista muitas vezes não é bem visto, assim como ela diz nem mesmo “dentro de casa”. A sua narrativa curta, aponta para a violência contra a mulher que por vezes alcança o nível máximo, a morte.

Com a jovem universitária Maria vemos como o feminismo é potência.

Eu acho que é:: resistência sabe, eu acho que é o feminismo que faz com que exista é mulheres fortes sabe (.) mulheres guerreiras que fazem a gente ser o que nós somos hoje porque foi graças ao feminismo que a gente usa calça (.) é graças ao feminismo que a gente consegue usar calça é graças ao feminismo também que eu consigo contar para os meus pais que eu namoro uma moça sabe que eu sou bissexual (.) então é ele que dá forças pra gente vê além do que é imposto pra gente sabe (.) que mulher vai ter que casar (.) vai ter que ter filhos então o feminismo pra mim é a revolução porque tu vai contra tudo aquilo que sempre foi imposto pra ti sabe (.) é a inquietação.

As palavras que Maria define como feminismo, “resistência”, “revolução” e “inquietação” aponta para uma concepção de empoderamento. Ela reconhece as imposições sociais nas frases “vai ter que casar” e “vai ter que ter filhos” atribuídas às mulheres e reconhece as conquistas resultantes da atuação das feministas, como o uso originalmente masculino de uma peça do vestuário hoje também da mulher como a calça comprida. Evidencia que esse empoderamento também se relaciona a si mesma particularmente ao indicar que compartilhou com seus pais sua orientação sexual não normativa. Este ainda é considerado com um ato de coragem.

A perspectiva de romper com o destino social previsto pelo modelo heteropatriarcal, produzido pelo feminismo, lhe conduz a ideia de robustecimento, de “mulheres fortes”, “mulheres guerreiras” algo que ela considera como fundamental pois alimenta a posição de recusa da dominação de gênero.

A estudante Leila acrescenta a percepção do feminismo uma tarefa:

ser feminista é tu saber (.) tu enxergar as opressões que tu sofre e enxergar as mulheres porque você não pode olhar só pra si (.) tem que entender que você é oprimida e tem gente (.) mulheres que são mais oprimidas que você que você precisa se unir que você precisa apoiar porque é (.) como diz (.) a gente só é livre mesmo quando todas as outras forem livres então (.) por exemplo as mulheres que são brancas e ricas e tal (.) sofrem com o machismo mas sofrem muito menos (.) então elas não podem pensar porque tá melhorando pra elas; como por exemplo o feminicídio que elas estão (.) que o gênero tá liberto, se elas fecharem os olhos para as mulheres negras então (2) você tem que ter sororidade (.) tem que olhar pra outra tem que ajuda-la (.) tem que entender que nós somos diferentes; nós mulheres não somos iguais (.) somos diferentes e os nossos marcadores sociais eles possibilitam os privilégios e abraçar quem não tá sendo privilegiado.

Logo no início de sua narrativa a estudante afirma que entender-se como feminista é “enxergar as mulheres porque você não pode olhar só pra si”. Ao dizer isso explica que o feminismo não é um ato individual, mas que implica numa atitude coletiva reafirmada na

frase “a gente só é livre mesmo quando todas as outras forem livres”. Recusando a universalidade como princípio homogeneizador aponta diferenças entre as mulheres, para acentuar diferenças imprescindíveis ao reconhecimento das demandas em torno do direito das mulheres.

Com a frase “nós mulheres não somos iguais” chama para a discussão a existência de marcadores sociais para indicar posições de privilégio social entre as mulheres e o reconhecimento de desigualdades ou do modo como incide sobre as mulheres, as diferenças. Diante disso convoca a posição de companheirismo, solidariedade e empatia entre as mulheres, como a frase “você tem que ter sororidade”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das narrativas das estudantes de licenciaturas no estado do Pará, versaram sobre o reconhecimento enquanto jovens mulheres e feministas buscando reconstruir os sentidos e significados em torno do feminismo que orientam seus posicionamentos.

Podemos notar que desenvolveram uma compreensão crítica sobre *ser jovem* e *ser feminista* demarcando posições a partir das experiências de aproximação com o campo do feminismo em suas trajetórias. Ser feminista envolve diretamente a reflexão em torno do modo de ser mulher na sociedade contemporânea, é estar diante de responsabilidades decorrentes dos papéis tradicionais e a vontade de criação de novos lugares modernos sobre o lugar social que a mulher ocupa.

As narrativas demonstraram que reconhecer-se enquanto feminista envolve assumir posições que se opõe ao modelo hegemônico e hetero-cis-normativo-patriarcal que invisibiliza e submete mulheres em todos os lugares, que se posiciona como sujeitos de direitos e reclamam participação política e social. Assim como ressalta Weller e Bassalo (2020) o modo como grupos de jovens analisam demandas do tempo em que vivem, bem como adotam ou propõem modos de ser, provoca a irrupção de diferentes unidades geracionais num mesmo contexto cultural.

Assim como apontado por Fraser (2007), se reconhecer enquanto mulher está para além de uma identidade, implica em uma contestação política e um novo entendimento sobre as diferenças e os marcadores de opressão que estão colocados no processo de reconhecimento que foram abordados pelas estudantes.

As posições das estudantes demonstram que são conscientes do lugar que ocupam enquanto mulher na sociedade, identificando as violências e as desigualdades decorrentes de uma visão machista e misógina. A história de luta das mulheres é utilizada para questionar e pautar as lutas contemporâneas que o movimento feminista já vem travando há muitos anos, como mostra Costa e Sanderberg (2008). Por meio das narrativas, percebe-se a importância de um processo de ruptura com a perspectiva de submissão das mulheres e dominação dos homens.

As narrativas revelaram também o entendimento de que o feminismo potencializa a compreensão acerca das relações entre ser jovem e ser mulher, atravessadas por visões que tendem a subjugar interesses e vontades das mulheres a partir de sua condição juvenil e dos papéis sociais previamente atribuídos as mulheres, determinando o que mulheres jovens devem ser, fazer ou ter. Neste sentido favorece a posição de crítica aos estereótipos femininos e o discernimento quanto as possibilidades de atuação política e social.

Nesse processo de reconhecimento feminista das jovens estudantes e sua compreensão no mundo, ficou evidente a percepção das opressões que sofreram antes de compreendê-las como tal e as agressões que sofrem por se posicionarem como feministas. A percepção das violências e sistemas de opressão resultam da aproximação com o feminismo, mudando e instrumentalizando o olhar, descortinando elementos fundantes quanto a diferença entre as mulheres, destacando a interseccionalidade como forma de operacionalizar a leitura do mundo.

Tais elementos constituíram o modelo de orientação identificado pelas aproximações de sentidos atribuídos pelas estudantes em torno do reconhecimento em ser mulher, jovem e feminista e denominado como “Educação de mulheres” por perpassar a construção do reconhecimento por meio das experiências vividas e compartilhadas com outras mulheres feministas e não feministas, em ambientes universitários ou não.

O processo de educação de mulheres com base no feminismo, aponta para ideias de liberdade, resistência, emancipação e força, desconstrói estereótipos, questiona relações de poder, interpela as desigualdades de gênero e recusa a submissão.

## REFERÊNCIAS

BOHNSACK, Ralf. *Pesquisa social reconstrutiva: Introdução aos métodos qualitativos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. O Método Documentário na análise de grupos de discussão. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (org). *Metodologia de Pesquisa Qualitativa em Educação*. 3.ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2013.

COSTA, Ana Alice A; SARDENBERG, Cecília Maria B. *O Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas*. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. *Cadernos de Campo (São Paulo-1991)*, v. 15, n. 14-15, p. 231-239, 2006.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética?. *Revista Lua Nova*, São Paulo, 70: p. 101-138, 2007.

FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. *Revista Estudos Feministas*, v. 15, p. 291-308, 2007b.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. *REIS – Revista Espanola de Investigaciones Sociológicas*, Madrid, Espafia, n. 62, p. 193-242, abr./jun. 1993.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, M. (Org.). *La juventudes más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Aires: Biblios, 2000, p. 13-30.

PEDRO, Joana Maria. (2005). Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância. *História Unisinos*, v. 9, n. 3, p. 170-176, 2005.

SCHÜTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro. 1979.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (orgs.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação: Teoria e Prática*. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SPINELLI, Leticia Machado. Repensando o reconhecimento: a crítica de Nancy Fraser ao modelo identitário de Axel Honneth. *Revista de Ciências Sociais*, v.6, no 1, p.204-234, jan./jun. 2016.



WELLER, Wivian; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. A insurgência de uma geração de jovens conservadores: reflexões a partir de Karl Mannheim. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 99, p. 391-408, 2020.

WELLER, Wivian; ZARDO, Sinara Pollom. Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. *Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade*, v. 22, n. 40, p. 131-143, 2013.